



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

LINDANOR CELINA EM MEMÓRIA E TRILOGIA:

FOTOGRAMA DO CÍRIO¹ E O TRÍPTICO DE LINDANOR CELINA²

Relivaldo de Oliveira Pinho

I:

Neste mês de outubro Lindanor Celina completaria seu centenário. Em 1983 ela publicaria “Pranto por Dalcídio Jurandir: memórias”, o livro que rememora sua amizade com o escritor que foi seu “Mito”. Em um trecho representativo dessa obra, ela une o Círio e a chegada de um grupo de escritores a Belém. Tem-se, em poucas linhas, um certo espírito de uma época, não apenas de um grupo de pessoas, mas, se quisermos, da vivência de uma manifestação e de uma literatura.

Eneida de Moraes era o cicerone do grupo. Estamos no início da década de 1960 e a chegada dos literatos marca, também, a apresentação de Celina a Dalcídio no Aeroporto de Val-de-Cans. “Tinha diante de mim, em carne, osso e morenice, o meu Mito”, escreveria. O grupo, depois, se reuniria para o evento:

“O Círio. Encontramo-nos todos na sede do IBGE, na Avenida Nazaré, em frente ao prédio onde na época funcionava a minha repartição, a Justiça do Trabalho. Ali fomos ver a Santa passar. Dalcídio, Jorge e Zélia Amado, José e Luiza Condé, Mauritônio Meira, Eneida. Jorge Amado tão novo – parecia novo – e Zélia uma bonita moça, viçosa. Mauritônio lançara recente um livro, ‘Passagem para amanhã’ [1959]. Alguém – calo? cito? – a quem falei nisso, disse, um risinho mordaz: ‘não passa!’. Coisas”.

¹ Publicado em O Liberal 04 out., 2017. p.2.

² Publicado em O Liberal 18 out 2017, p. 3.

Pode-se ver nesses trechos parte do estilo literário de Celina. O livro memorialístico, meio elegia, meio ode, traz o rememorar que conduz a narrativa quase sempre com uma tonalidade literária que a aproxima, ladeando, um texto romanceado. Esse entrecruzar estilístico e temático ganha toda sua coreografia descritiva na rememoração do Largo de Nazaré:

“Mas os dias eram de festa. Há quantos anos não ‘curtíamos’ o Largo, Durval e eu, como fizemos noites encarrilhadas acompanhando o bando todo? Provávamos de todas as comidas, todos os carurus, os vatapás, tacacás, mingaus, tudo. Vez em quando Dalcídio se perdia de nós, desgarrava-se como por encanto, de propósito? Depois de corrermos seca e meca, revirarmos o arraial de ponta a ponta, até o chamado ‘cu-da-festa’, atrás dele, Eneida danada brabitando: ‘Dalcídio é buurro! – íamos dar com ele sozinho, aluado, olhando para ontem ou atento a alguma pequena cena, em geral interiores: cozinhas das barraqueiras, panelas, potes, cuias, cacarecos, fogareiros, aluás, paneiros de carvão. Desculpava-se sem jeito: ‘Mas eu procurei vocês...’ Eneida implacável: ‘Como tu és burro! Te perdes num Largo de Nazaré que nem uma criança’. Ele ria, fazia, meio de graça, meio a sério, um arremedo de mesura: ‘Princesa Magalona!’”

O sumiço episódico de Dalcídio no Largo e sua perda definitiva em 1979 é, para Celina, sempre uma homenagem a essa memória que, mesmo nem sempre sendo feliz nesse livro, parecia, naquela ocasião na qual “os dias eram de festa”, sempre emanar o elã de uma realidade, de um momento, inacabável.

Lindanor Celina, de certo modo, seguiria o conselho e atitude de seu “Mito”, ao buscar na realidade e na rememoração, os elementos para suas narrações. Por isso, nela, o Círio atravessa uma afetividade da memória, uma boa memória, diríamos, que passa, em procissão, pela recordação de seu amigo e daquilo (de um espírito do evento) que com a imagem dele se entremeia e torna-se significativo.

É essa afetividade que surge no texto que abre o seu “Crônicas intemporais” (2003). Após 20 anos sem ver o Círio, ela se perguntaria: “O Círio se conta? Nada. O Círio se ama. Ele faz chorar de alegria, de antecipada saudade, de pena, de súplica e “merci”. Mais que tudo, penso, o Círio é para se dizer obrigado”. Declama a autora de “Menina que vem de Itaiara” (1963), o romance de estreia que abre o tríptico da protagonista Irene e que se completa com os desafios da jovem diante do mundo em “Estradas do tempo-foi” (1971) e “Eram seis assinalados” (1994).

Também é desafio revisitar a memória, um amigo, uma cidade. O “Pranto...” de Celina, que exhibe o Círio em uma única página, é um fotograma de uma sequência fílmica de uma recordação maior. Atentem para o fato de que, lá, sua descrição parece que, ao focalizar o

movimento, “corta”, rapidamente, cada objeto, quase assumindo a subjetividade (câmera subjetiva; olhamos pelos olhos de Dalcídio) daquele que observa o lugar.

Na breve representação de Lindanor Celina é a literatura, sua literatura, – não apenas naquele livro, muito menos somente sobre esse tema – a nos mostrar aquilo que, em multidão, ou próximo demais, pode nos escapar.

II:

À Neusa Pressler, “in memoriam”.

“Menina que vem de Itaiara” (1963), “Estradas do tempo-foi” (1971) e “Eram seis assinalados” (1994) constituem o tríptico de Lindanor Celina. Tríptico por ser formado por três partes que compõem uma única narrativa, mas, fundamentalmente, por guardar em seu interior uma história narrada sobre o florescer, o desenvolvimento e a queda de uma realidade, da realidade de um mundo, condensados na trajetória de sua personagem principal, Irene.

Este centenário de Celina é um bom motivo para revisitarmos esses três livros que têm um lugar decisivo em sua obra. “Menina...” é sua estreia no romance, após anos escrevendo crônicas para o jornal Folha do Norte. Esse seu primeiro caminho romanesco que abre o tríptico, marca a infância e início da adolescência de Irene em Itaiara.

Em depoimento a autora diria: “Itaiara não existe, eu inventei, como Pasárgada, que o Manuel Bandeira disse, ‘vou-me embora pra Pasárgada’, Pasárgada é um reino impossível, onde tudo de bom acontece, nada de amargo, e eu botei Itaiara, mas era a minha cidade de Bragança que eu disfarcei porque senão eu seria presa, quando o romance aparecesse o prefeito mandaria me prender, porque ele estava no romance; realmente deu um bolo, mas estava disfarçado com o nome de Itaiara. Não sei porquê, achei bonito, achei que essa palavra cheira!”.

Esse depoimento é menos uma explicação definitiva, do que um comentário que nos serve como um rastro. Aí estão alguns dos principais fundamentos desse ciclo romanesco, a memória, o tempo, a narrativa. É preciso, sim, considerar o aspecto biográfico como um elemento incontornável desse “corpus” literário, afinal a trajetória dos três livros se relaciona com a vida da romancista. Mas, tão importante quanto, é fundamental ir além e entender a literatura, a literatura de Celina, como um artefato não separado de uma biografia, mas com vida autônoma. Itaiara não existe, mas existe no universo narrativo.

Nesse universo é a menina a viver suas experiências e a descrever os personagens e eventos que para ela se tornaram marcantes. Marcar, gravar, assinalar são atributos da memória. É a memória, como elemento decisivo, a conduzir a recordação de um mundo repleto de significação, nem sempre belo, mas onde o esquecimento, por completo, não triunfou. Bragança

é a cidade da autora, mas, na ficção, ela é a Itaiara da melancólica Célia Castro, da resplandecente Tia Joana e sua Marujada, do valoroso Marreca e seu Serra-Velho.

Em “Estradas do tempo-foi”, a vida no Internato Santo Amaro em Belém, para onde a moça é transferida, traz as recordações da casa paterna, lembrada durante as noites de claustro. Os vivazes dias na pequena cidade dão lugar ao silêncio dos corredores do Colégio; a curiosidade de menina, aos juvenis desejos; as admoestações da mãe, às repreensões das madres. Ainda permanece um sentimento de descoberta, mas, nesse novo tempo, já é um sentimento com menos encanto. O microcosmo do Internato é um mundo, em véu, desvelado.

Mas, se aquele mundo ainda rescendia algum atributo de uma vida a se experimentar, menos onírica, mas ainda a ser enfrentada, em “Eram seis assinalados”, a vida, quando Irene retorna à Itaiara, já não exala mais nada de inocência e idílio. A queda é o signo sob qual o retorno da heroína será rememorado. Pelo “pecado” da filha todos de sua casa caem, tornando-se estigma, tornando-se assinalados.

Nesse fecho do tríptico não há mais um narrador onipotente a nos conduzir pela intriga, mas são os próprios personagens a contar suas histórias e suas versões do ocorrido. Essa multiplicidade narrativa dá a esse romance um caráter polifônico que nos exhibe, dramaturgicamente, um tribunal a condenar, em expiação, a família.

Como o tríptico medieval, em pintura ou escultura, que exibia uma história em geral de tema religioso dividida em três partes, na qual o centro era recoberto por flancos, abas, que sobre ele se fechavam e, quando abertos, podia-se ver a história por completo, a obra de Celina detém, encerra e exhibe a travessia de um mundo, também nosso, de Itaiara, de Irene.

“Essa palavra cheira!” porque com essa literatura sentimos que passa por nós uma sensação de reconhecimento, ao lermos sobre a menina que se torna mulher, seus encantamentos, medos e queda. Uma verossímil sensação que, sem nos atermos, se eleva à memória e nos traz um tempo narrado, como se diante de nós uma outra dimensão da vida, “um reino impossível”, existisse.

Sobre o autor

Doutor em Ciências Sociais (Antropologia/ UFPA). Tem experiência na área de Comunicação Social, Estética, Antropologia, Clifford Geertz, Filosofia, Walter Benjamin, Cinema, Teorias do Contemporâneo, Arte, Literatura. Atua principalmente nos seguintes temas: Estética, Comunicação Contemporânea, Teoria antropológica, Literatura, Cinema, Estética dos meios de comunicação, Amazônia, Cultura, História, Arte, Fotografia. Autor de, entre outros, de "Antropologia e filosofia: experiência e estética na literatura e no cinema da Amazônia" (Edufpa, 2015).

